

## DAS MULHERES DE PORTUGAL ÀS MULHERES DE TODO O MUNDO

Por ocasião da Conferência Internacional de Mulheres convocada pela Organização das Nações Unidas no quadro das celebrações do Ano Internacional da Mulher, a União das Mulheres Trabalhadoras de Portugal considera seu dever levantar os principais problemas e tarefas em que estão empenhadas as mulheres do nosso país.

### Lutar por melhores condições de vida...

Em Portugal, a mulher trabalhadora é submetida a uma dupla exploração, no mercado do trabalho e em casa, como mão-de-obra menos qualificada e mal paga e acarretando com o grosso do trabalho doméstico.

Nas fábricas, a mulher é empregada nos trabalhos com menor qualificação profissional e tem, em regra, um salário inferior ao do homem, mesmo quando desempenha as mesmas tarefas.

Nos campos, onde escassei a mão-de-obra masculina, são as mulheres que executam quase todos os trabalhos embora continuem a ganhar um salário inferior.

Em todos os campos do trabalho se reproduz esta situação agravada pelo encargo da família e da casa.

Para fazer face a esta situação, as mulheres trabalhadoras de Portugal têm de lutar pelo salário igual, pela criação de serviços que a aliviem do trabalho doméstico, pela protecção à maternidade.

Esta luta encontra hoje em Portugal boas perspectivas de desenvolvimento uma vez que a queda do regime fascista — derrotado por 14 anos de luta armada de libertação nacional dos povos das colónias e pela luta antifascista do povo português —, reinstaurando as liberdades democráticas de reunião, expressão, manifestação e organização, veio permitir o reforço das posições e da organização das massas populares.



### ... colocando em primeiro plano a luta pela independência e a democracia

Estas reivindicações encontram-se, no entanto, actualmente em plano secundário em relação à luta que visa a defesa da independência nacional e das liberdades democráticas. Na verdade, as liberdades democráticas reinstauradas em Portugal com o 25 de Abril de 1974 encontram-se permanentemente ameaçadas pelo partido dito "comunista" de Cunhal que, dentro e fora do Governo e das Forças Armadas, tenta criar condições para fazer um golpe-de-estado e instaurar uma ditadura social-fascista. Não passando o partido de Cunhal de uma quinta-coluna do social-imperialismo russo, é ainda a independência nacional de Portugal que se acha permanentemente ameaçada.

Após os sérios golpes vibrados no imperialismo americano desde a queda do fascismo em Portugal é hoje o social-imperialismo russo que, apoiado em Cunhal, constitui a principal ameaça para a nossa independência.

É, pois, neste sentido que a União das Mulheres Trabalhadoras de Portugal se tem unido às forças políticas que lutam pela independência nacional e pelas liberdades democráticas, formando uma larga frente anti-social-imperialista e anti-social-fascista na qual as mulheres têm importante papel a desempenhar.

### A demagogia da "promoção social"

É neste sentido que denunciámos energeticamente o chamado Movimento "Democrático" de Mulheres, organização patrocinada pelo partido de Cunhal, que tenta a todo o custo desviar a atenção das mulheres portuguesas da luta pela independência nacional e as liberdades democráticas, avançando uçicamente reivindicações sociais e promovendo visitas de embaixatrizes do social-imperialismo russo, como foi o caso da visita de Valentina Terechkova, e tentando assim mobilizar as mulheres para a sua estratégia reaccionária.

As promotoras desta organização valem-se dos justos anseios das mulheres trabalhadoras portuguesas a uma vida melhor, para ocultarem, à custa de tremenda demagogia, as condições sem as quais essa vida melhor não pode ser alcançada: as liberdades democráticas e a independência nacional. Como seria possível uma vida melhor enquanto uma potência imperialista cravasse as suas garras no nosso país, pilhasse as nossas riquezas, explorasse a nossa mão-de-obra e se ingerisse nos nossos assuntos internos?

Aliás a actuação da organização de mulheres controlada pelo imperialismo russo em Portugal é apenas o reflexo da actuação deste último a nível mundial.

A chamada Federação "Democrática" Internacional das Mulheres, as organizações de mulheres dos países de capitalismo restaurado da Europa de Leste e as organizações de mulheres patrocinadas pelos partidos pretensamente "comunistas" laicaos do social-imperialismo em todo o mundo tentam, a todo o custo, mobilizar as mulheres para a sua estratégia com reivindicações de ordem social e ao mesmo tempo desviar a atenção das mulheres da luta pela independência nacional. É nessa altura que acenam com os pretensos "direitos" e "regalias" que as mulheres teriam alcançado em países como a União Soviética e suas colónias (Hungria, Bulgária, Polónia, Checoslováquia, etc.). Claro que o que lhes vale é a falta de informação de grande parte das mulheres de todo o mundo sobre o que se passa efectivamente nesses países. Mas ousarão elas negar que a "emancipação" da mulher, tal como a concebem, inclui a prostituição, os *cabarets*, o *strip-tease*? Ousarão negar, por exemplo, que na praça Wenceslaw, em Praga, existem *cabarets* decorados cá fora com retratos de mulheres meio nuas? Ousarão negar a existência na União Soviética da prostituição que a sua própria imprensa é forçada a mencionar? Que estranho "socialismo", que estranha "emancipação", cujas conquistas incluem o deboche e degradação da mulher!

### A demagogia do "desarmamento" e "desanuviamento"

Essas organizações também desempenham o papel de porta-vozes do social-imperialismo russo quando, aproveitando-se das justas aspirações das mulheres europeias à paz, indicam como condição essencial para a obtenção da paz o desarmamento dos países europeus.

Com efeito, há já algum tempo que os imperialistas russos fazem todo o possível por criar uma atmosfera de pretenso "desanuviamento" na Europa, onde se disfarçam de "campeões" da paz. No entanto, a Europa não passa para eles de uma região estratégica chave na sua disputa pela hegemonia mundial. Eles entregam-se, na Europa, à expansão do seu armamento e aos preparativos de guerra na sua confrontação militar com os Estados Unidos.

Senão, vejamos apenas alguns exemplos que demonstram os seus verdadeiros desígnios:

— No orçamento da URSS, as despesas mais ligadas às zonas de guerra na Europa aumentaram 10 biliões de dólares nos últimos anos.

— Actualmente, na Europa de Leste e na parte europeia da URSS, os imperialistas russos concentraram 3/5 das suas tropas terrestres e mais de 3/4 da sua força aérea.

— Mais de 3/4 dos seus mísseis de médio alcance estão apontados para a Europa Ocidental.

— 75 % dos seus principais navios de guerra e submarinos nucleares encontram-se em águas europeias.

Falando, pois, de "paz" e "desanuviamento", os social-imperialistas aceleram, no entanto, a sua expansão militar, armando-se até aos dentes.

É curioso notar o extremo descaramento das organizações de mulheres controladas pelo social-imperialismo russo, que ousam afirmar que com o dinheiro economizado com o desarmamento dos países europeus se pode "melhorar o bem-estar das mulheres europeias"...

### A corrente irresistível dos povos para a independência

Os povos do Segundo e do Terceiro Mundo apercebem-se cada vez mais da necessidade de forjar uma poderosa frente uçada mundial contra o hegemonismo das duas superpotências, URSS e EUA. Os povos vão compreendendo cada vez melhor que o caminho para a Paz passa não pelo desarmamento, mas pela luta constante contra o domínio das superpotências, cuja rivalidade é já causa do sofrimento e morte de milhares de pessoas e pode conduzir ao desencadeamento de uma terceira guerra mundial.

Em todas as tribunas internacionais onde se exprima a corrente irresistível dos povos para a independência, muitas são as vozes que denunciam já as manobras das duas superpotências, as suas ingerências constantes nos assuntos internos dos países mais pobres, o seu papel de gendarmes do mundo.

É por essa razão que as organizações de mulheres controladas pelo social-imperialismo russo temem as conferências mundiais e inicialmente quiseram minimizar o alcance da presente Conferência Internacional de Mulheres, que no entanto não conseguiram impedir. Uma vez não conseguido este seu intento, procuram agora que — do mal o menor — não se fale muito de imperialismo nem de independência nacional.

A União das Mulheres Trabalhadoras de Portugal sabe, porém, que representações das mulheres do Segundo e Terceiro Mundo não deixarão de denunciar energeticamente os desígnios do imperialismo e do social-imperialismo e desmascarar a sua verdadeira face de gendarmes do mundo.

A União das Mulheres Trabalhadoras de Portugal solidariza-se com todas as mulheres do mundo na luta pela independência nacional contra todo e qualquer imperialismo, o maior flagelo dos povos.